

## O FUNCIONAMENTO METAFÓRICO NO DISCURSO DO/SOBRE O MST

Freda INDURSKY (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)  
freda@orion.ufrgs.br

Este trabalho dá prosseguimento a uma pesquisa que tem como objeto de investigação o *discurso do/sobre* o MST na mídia. Em trabalhos anteriores, trabalhei com as designações *ocupação* e *invasão*. Aproximei-me delas para examinar várias questões discursivas, dentre as quais destaco o funcionamento da imprensa sobre questões sociais (Indursky, 1999); o entrelaçamento do *político* e do *jurídico* (Indursky, 2002); e ainda para observar *diferentes subjetividades sociais* que tais designações possibilitam perceber (Indursky, 2005 e 2006). No presente trabalho, estas duas designações são retomadas para refletir sobre o modo como o MST tem sido representado pelo outro, na mídia, mas também como tem se representado a si mesmo, nesse espaço. Para pensar em representação é necessário mobilizar as formações imaginárias que presidem o discurso do/sobre o MST e, a partir delas, examinar os processos de significação que são produzidos pelo/sobre MST, suas práticas discursivas e não-discursivas. Dentre as diferentes noções que possibilitam fazer este exame, detive-me particularmente sobre o *processo metafórico* em que estas duas designações ocorrem. Mais precisamente, estou entendendo, juntamente com Pêcheux, que um processo metafórico é “*um processo não-subjetivo no qual o sujeito se constitui*” (Pêcheux, 1988:130). Um pouco mais adiante, o autor esclarece ainda que o *processo de metáfora* consiste em um “*processo sócio-histórico que serve como fundamento da ‘apresentação’ de objetos para os sujeitos*” (idem, p. 132). Esta noção foi trabalhada em associação com algumas outras tais como *formações imaginárias, formações ideológicas, formações discursivas, sujeito, sentido*. Estas noções foram mobilizadas para examinar um registro muito específico da designação *invasão*, ocorrido em uma entrevista com uma líder do MST – Diolinda Alves de Souza, mulher de José Rainha, líder do MST no Pontal de Paranapanema, S.Paulo, em 06/12/1995, para a Revista da Folha [de S.Paulo]. Interessou-me, nesta entrevista, inicialmente examinar o modo como as diferentes subjetividades vão desenhando diferentes processos de identificação: a entrevistadora refere-se à *invasão* e a entrevistada, para responder, traduz para *ocupação*. Até um momento da entrevista em que Diolinda, ao responder sobre sua primeira *ocupação*,

comete um ato falho/equívoco e refere-a como *invasão*. Eis uma análise sucinta do que ocorreu: a entrevistada, ao responder, utilizou uma designação – *invasão* - que não remete ao que o sujeito pode/deve dizer em sua FD. Esta designação não corresponde ao modo de subjetivar-se em sua FD, tão bem desenhado ao longo da entrevista, até aquele momento e depois dele, novamente. E este equívoco levou a entrevistada a reescrever a designação *ocupação* pela designação própria ao discurso do outro e do entrevistador - *invasão*. Este processo, que consiste em tomar uma palavra pela outra, aponta para o que Pêcheux chamou de *processo metafórico*, que possibilita examinar não só sentidos que deslizam, mas também uma possível falha no ritual. Nas próprias palavras de Pêcheux, considerar “*a interpelação ideológica como ritual supõe o reconhecimento de que não há ritual sem falha, desmaio ou rachadura: “uma palavra por outra” é uma definição...da metáfora, mas é também o ponto em que um ritual chega a se quebrar no lapso ou no ato falho*” (Pêcheux, 1990:17). Interessou-me, pois, num segundo momento, examinar especificamente no trabalho em pauta o equívoco produzido pela entrevistada à luz das seguintes hipóteses: *Seria este lapso a síndrome de uma quebra no ritual de sua interpelação ideológica? Seria este ato falho uma pista do vacilo deste sujeito?* (Pêcheux, 1990: 314-17) *Teria este sujeito se desidentificado da FD em que se inscreve?* Na verdade, entendo que não tenha havido nenhum processo de contra-identificação (Pêcheux,1988:214-7), nem, tampouco, ocorreu uma de quebra do ritual. Este *processo metafórico* aponta para uma outra questão, para a re-significação de *invasão*. Ou seja: no momento em que o sujeito do discurso se apropria desta designação, que pertence ao discurso do outro, e a inscreve no âmbito de seu domínio de saber, o sentido de *invasão* desliza, perdendo seu efeito de sentido de ação ilícita, vinculado às condições de produção do discurso em que é usualmente produzido, e, em suas novas condições de produção, torna-se equivalente a *ocupação* no discurso da líder do MST. Uma palavra pela outra, sim. Mas não se trata de uma ruptura, e sim de um deslizamento de sentidos (Pêcheux, 1990:53) o que mostra que o discurso do MST não é homogêneo, que a contradição aí se faz presente e que marcas nem tão imperceptíveis do discurso-outro aí comparecem, porém re-significadas.

#### Bibliografia

- INDURSKY, F. De ocupação a invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST. In: Indursky, F & LEANDRO FERREIRA, M.C. *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre, Sagra-Luzzatto, 1999.
- \_\_\_\_\_. O entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso do/sobre o MST: uma questão de lugar-fronteira. *Rev. ANPOLL*, n. 12, 111-131, jan./jul. 2002.

- \_\_\_\_\_. O político e o jurídico na constituição das subjetividades sociais. *Gragoatá*, Niterói, n.18, p.97-110, 1. sem. 2005.
- \_\_\_\_\_. Identificação e contra-identificação: diferentes modalidades de subjetivação no discurso do/sobre e MST. In: MARIANI, Bethania (Orgs.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos, SP, Clara Luz, 2006.
- PÊCHEUX, M. (1975). *Semântica e discurso*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1988.
- \_\_\_\_\_. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, n. 19, p.7-24, jul./dez. 1990.
- \_\_\_\_\_. (1983). A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. Da UNICAMP, 1990.
- \_\_\_\_\_. (1983). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes, 1990.